

As virtudes do debate

5 DEZ 1989

Ricardo A. Setti *

É inevitável, hoje, abordar o histórico primeiro debate ao vivo e em rede nacional de televisão entre os dois finalistas na disputa pela Presidência da República encerrado na madrugada de ontem. Ganhou Fernando Collor de Mello? Terá ganho Luís Ignácio Lula da Silva? Talvez a resposta a essas questões seja menos importante do que outras conclusões que podem ser extraídas do episódio.



De todo modo, podemos começar por tópicos. Os dois candidatos se mostraram muito bem para quem, pela primeira vez na vida, debate na circunstância de finalista de eleição tão crucial e ao vivo, para uma audiência colossal de várias dezenas de milhões de brasileiros. Collor tinha a clara preocupação de provar que não é um destemperado. Lula a de mostrar que tem competência. O autocontrole de Collor na primeira metade foi compensado pelo à-vontade crescente de Lula na segunda. Collor teve alguns grandes momentos, como quando prometeu que, com Lula na presidência, vai cooperar eventualmente com seu governo. Lula não ficou atrás — entre outras passagens, foi uma grande tacada resumir o seu programa de governo como e de fazer da sociedade brasileira “uma sociedade de classe média”, onde emprego, comida, casa, automóvel e uma cervejinha não sejam metas inatingíveis, mas parte do horizonte visível das pessoas.

Houve também, é claro, mancadas. Collor não se saiu bem da pergunta de Lula sobre o caso das nomeações feitas com sua assinatura no final de sua gestão como prefeito nomeado de Maceió, em 1982. Lula, acuado o tempo todo pelas suspeitas sugeridas por Collor de que um seu governo iria incendiar o campo, perdeu várias chances de dizer que sua reforma agrária será feita dentro da lei e da Constituição. Collor, ao insistir o tempo todo na tecla de que o PT está negociando seu programa para ampliar sua base de apoios, cometeu o erro estratégico de prestar ao adversário o favor de mostrá-lo mais flexível e conciliador. Lula boboeou ao deixar no ar a insistente tese de Collor de que vai promover o calote da dívida interna, coisa que em nenhum momento disse.

Qualquer discussão sobre quem venceu o debate continuaria por muitos pontos como esse, e seria de utilidade duvidosa. O sincero júbilo que cercava ontem em São Paulo todo o comando da campa-

nha de Lula e muitos simpatizantes de sua candidatura espalhados por diversos cantos dos chamados setores bem pensantes correspondiam ao otimismo exibido, em Brasília, pelo pessoal de Collor. Mesmo supondo, só como hipótese para raciocínio que, como querem os petistas, Lula tenha vencido, apresentando-se mais espontâneo, mais convincente e mais incômodo para o rival, o fato incontestável é que ainda assim não o terá feito pelo saldo de gols que precisaria obter para tirar a grande diferença nas intenções de voto pró-Collor exibidas nas pesquisas pré-eleição.

“O grande saldo do debate foi o simples fato de ele ter existido. Não importa tanto quem tenha obtido mais pontos com sua realização”

O grande saldo do debate, na verdade, foi o simples fato de ele ter existido. Não importa tanto quem tenha obtido mais pontos com sua realização. Não importam tanto os temas fundamentais para o destino do país que acabaram sendo pouco ou nada discutidos, como a questão da crescente internacionalização da economia e a inserção do Brasil no processo, as barreiras para a absorção de tecnologia existentes em nossas fronteiras ou o exato papel do Estado a partir do futuro governo. Não vem o caso, também, deter-se em maiores críticas à estrutura formal do programa — excessivamente rígido em regras como a que impedia que, enquanto um candidato falava, se focalizasse oponente, algo que faz parte da essência do encanto da televisão. Podem igualmente ser relevadas as várias perguntas dos jornalistas participantes que acabaram não sendo respondidas. O importante é que o país ascendeu, no domingo à noite, a um novo patamar de maturidade política e, também, a um novo patamar de civilidade.

De fato, as acusações, ataques, cutucões e trança-pés que os candidatos se aplicaram durante mais de duas horas se deram dentro do nível de tolerância aceitável pelo combate político. Não houve bate-bocas, não se gritou, não se abusou do tempo atribuído a cada um. Num país maniqueísta como o nosso, em que as questões políticas quase invariavelmente

resvalam para o terreno pessoal e emque o adversário, além de nunca ter razão em nada, é o representante pessoal do Mal, não deixou de ser elogiável o puro e simples aperto de mão que os candidatos trocaram no começo do debate. O tratamento de “você” que um e outro se atribuíram conferiu um tom de proximidade educada, mesmo quando era a hora de se atirar apimentadas diatribes para o outro lado.

Um desavisado estrangeiro que acabasse de desembarcar no território nacional provavelmente acharia um exotismo tropical incompreensível esse conjunto de considerações. Afinal, em países civilizados, tudo isso faz parte do mais elementar be-a-bá das boas maneiras. No Brasil, porém, onde a aceitação pacífica da simples existência de contrários não faz nem de longe parte do cotidiano, tais sinais positivos têm a sua relevância e devem ser ressaltados. Eles podem ser colocados ao lado de outros, emitidos durante a campanha eleitoral e perdidos no meio de uma série de episódios de intolerância que vão da violência em comícios até a patrulha ideológica sobre figuras públicas. Pouco se falou, mas foi um fato nessa campanha que prefeitos do interior espalhados por todos os estados receberam com lhanesa de trato e simpatia candidatos à Presidência situados no lado oposto de seu espectro político. A Polícia Federal colocando-se à disposição para proteger candidatos de esquerda que até há não muito tempo eram por ela caçados não deixa de ser um animador sinal dos tempos. Também foi positivo o perfeito entendimento mantido, no episódio do debate de domingo, entre as assessorias dos dois candidatos rivais. Na mesma diapasão vai o fato de grande evento sem maiores dificuldades.

Ora, dirão, é muito pouco. Faltou, por exemplo, na atual disputa, aquela básica manifestação de cortesia que é o telefonema do derrotado para cumprimentar o vencedor. O fato de Collor ter obtido mais de 20 milhões de votos e ter ganho estourado o primeiro turno não mereceu de qualquer dos seus concorrentes esse simples gesto. Collor, de sua parte, também não se lembrou de telefonar para o adversário que o povo selecionou para enfrentá-lo no segundo turno. Leonel Brizola poderia ter tido uma atitude de mais grandeza para com Lula. O mesmo se pode dizer do sumiço de Mário Covas nos últimos dias — só o candidato tucano parece ignorar, no Brasil, que Lula aguarda um retorno aos telefonemas que lhe dirigiu, na tentativa de marcar uma conversa. E por aí vai.

Certo, sem dúvida. Nada disso, porém, esconde o fato de que o debate de ontem é um marco no difícil avanço da convivência democrática no país.

* Editor regional do JORNAL DO BRASIL em São Paulo